



RESULTADOS

R

Carlos André, Miguel e Osmar, do Peria: mães sonham em vê-los doutores mas, por enquanto, eles falam mesmo é da merenda



A promessa de manter o programa não é suficiente. Depoimentos das primeiras crianças beneficiadas, que estão completando o ensino médio, mostram que há um longo caminho pela frente para garantir (e ampliar) a inclusão social / CRISTIANE BARBIERI (TEXTO) E GUILHERME ZAUITH (FOTOS), DE HUMBERTO DE CAMPOS (MA) E ITAOCA (SP)

OS FILHOS DO BOLSA FAMILIA

E

Era para Regia Silva de Sales ter sido

uma criança do Bolsa Família. Em vez disso, virou mãe do programa: fugiu de casa aos 12 e teve a primeira filha aos 13. Só que, como era menor de idade, o cartão do benefício saiu no nome do companheiro. Ele, basicamente, usava o dinheiro para beber. Regia teve mais três filhos e perdeu outro, de tanto apanhar. Pesava 38 quilos. “Era fome, mesmo”, diz ela. “Meus pais perguntavam por que eu estava tão magrinha e eu dizia que era miúda, mas eu tinha vergonha de dizer que não tinha comida em casa.” O que pescava ou os R\$ 20 que ganhava pelo dia de faxina no povoado de Peria, onde mora, iam para a comida dos filhos. Há quatro anos ela se separou e, há quase dois, recuperou a titularidade do cartão. Hoje, aos 26 anos, chegou aos 50 quilos e recebe os visitantes com um sorriso aberto, carinho e um jogo de cadeiras coloridas, de plástico, conquista recente da qual se orgulha muito.

Para ela, cada um dos R\$ 371 mensais que recebe do Bolsa Família fazem toda a diferença e, como todos sabem, sua

história está longe de ser única. Hoje, são 14 milhões de famílias beneficiárias e 50 milhões de atendidos pelo programa. Ou 25% dos brasileiros, que deixaram de lado realidades miseráveis e, basicamente, têm vidas melhores, como mostram pesquisas das mais diferentes fontes e espectros. Ao olhar os números, no entanto, é possível perceber que, mais do que os pais, os verdadeiros beneficiados pelo programa são os filhos do Bolsa Família. São eles que estão mais escolarizados, são mais cuidados pelo sistema de saúde, têm menos irmãos e estão até mesmo ficando mais



**Saneamento
ainda é uma
das áreas mais
precárias da
infraestrutura:
quase 60%
das famílias
vulneráveis não
têm esgotamento
sanitário**

altos do que os pais (*leia quadros às págs. 106 e 107*). São eles também que formarão boa parte da massa dos consumidores, dos funcionários das empresas e dos eleitores futuros, de quem os candidatos à presidência lembram-se todos os dias.

Não é de estranhar, portanto, que todos os candidatos, de todos os partidos, tenham reiteradas vezes garantido que o Bolsa Família será mantido. Porém, após uma viagem de 6,5 mil quilômetros visitando cidades do interior de São Paulo e do Maranhão, em que a população depende do programa, é fácil concluir que não basta mantê-lo. É preciso avançar, adaptá-lo à nova realidade das

comunidades – que inclui êxodo de jovens em busca de oportunidades, dificuldades de competir por trabalhos melhores e o medo de perpetuar a situação que levou seus pais a depender do Bolsa Família.

Em Humberto de Campos e em seu povoado de Peria, onde mora Regia, quase dois terços da população vive do programa, no estado mais dependente do Bolsa Família, o Maranhão. Na cidade de Itaoca, e em sua comunidade quilombola de Cangume, no Vale do Paraíba, região mais pobre do estado de São Paulo, quase 40% das famílias recebem o benefício. Nos dois lugares, não há dúvida de que as dificuldades dos filhos são menores do que as de seus pais com sua idade. A realidade da fome, repetida por todas as mães entrevistadas no Maranhão, e a da roça desde a primeira infância, das mães de Itaoca, não aparece no relato dos filhos. As crianças também têm dentes bonitos e brancos, o que nem sempre acontece com as mães. Os cadernos geralmente estão em seus braços uniformizados,

Fotos: GUILHERME ZAUITH



UMA COMPETIDORA OLÍMPICA EM CASA Célia é a mais velha de 14 irmãos e estudou só até a 4ª série: tinha de cuidar deles e ajudar os pais na pesca. “Minha vida foi trabalho”, diz. “Levantava às 4 da manhã para cortar aça [tora de lenha].” Pegava mariscos até pouco tempo atrás e complementa a renda com faxinas, pelas quais ganha R\$ 40. Teve três filhos e cria Sildilene (à esq.) há um ano. Sua filha mais velha, Vanessa (no meio), de 13 anos, frequenta o Projovem, que estimula a formação para o trabalho. “Ela foi a única selecionada da classe para a Olimpíada de matemática”, diz, orgulhosa.



AS VIZINHAS Sildilene (à esq.), de 31 anos, e Regia, de 26, moram no Periá, povoado absurdamente bonito de areias brancas, cajueiros e águas frescas. O sorriso aberto e a recepção calorosa contrastam com suas histórias tristes, de fome e privação. “Meus

três meninos mais velhos passaram mais fome”, diz Sildi, que ganhava a vida colhendo juçara, um primo do açaí. “Mas aí veio o vale-leite, que ajudou demais, porque eram 3 litros por criança.” Regia fugiu de casa aos 12, teve a primeira filha aos 13 e pesava 38 quilos, até

conseguir de volta o cartão do Bolsa Família. “Minha filha não tem a mesma vocação [de ter filho cedo]”, diz ela, mostrando com carinho os belos desenhos feitos por Raíssa, de 12 anos. “Os meninos não têm notas ruins e são atenciosos na escola.”

SAÍDA PELA RODOVIÁRIA

“Penso em sair de Humberto de Campos absolutamente todos os dias”, diz a esperta e falante Larissa, de 19 anos de idade. Praticamente sem atividade econômica na cidade, muitos de seus amigos seguiram o mesmo caminho, atrás de trabalho. Outros, como conta, ficam ali sem fazer nada. “Não tem emprego, nem vaga para todo mundo no Pronatec”, afirma. Sua irmã Ana Carolina, de 17 anos, engravidou com a mesma idade da mãe, Claudiana (*à dir*). “Hoje, as crianças têm tudo o que não tive”, diz ela. Larissa afirma que ela e os amigos discutem política em casa, na rua e na escola. “Vou votar em Marina, e a Dilma vai ter de se virar nos 30”, diz. A mãe rebate: “Meu voto é na Dilma.”



Nos municípios com alta cobertura do Bolsa Família, a mortalidade geral das crianças caiu 17%, sendo que as causadas por desnutrição diminuíram 65% e as provocadas por diarreia recuaram 53%

no caminho para a escola, muitas vezes feito em ônibus escolares novos.

Regia mostra com carinho o caderno de desenhos da filha mais velha, Raíssa, de 12 anos. A menina é talentosa. Desenhou, entre muitas cenas do cotidiano, um irmão como cirurgião, outro como professor. Aliás, ver o filho doutor é o discurso mais repetido e sonhado pelas mães do Perí. A vizinha de Regia, Sildilene Santos, de 31 anos, também tem uma história sofrida e fala com orgulho que todos os seus seis meninos querem ser alguma coisa na vida – o Osmar, de 9 anos, adoraria tocar flauta. Já Célia de Freitas Souza, moradora de Humberto de Campos, tomava conta dos 13 irmãos, para os pais irem pescar. Passou a ir com eles aos 12 e, até há pouco, apanhava mariscos. Teve três filhos e diz, orgulhosa, que Vanessa, de 13 anos, foi a única selecionada da classe para a Olimpíada de matemática.

Sim. A vida está melhor. Mas o futuro melhor ainda não é uma garantia. Nem há como negar que existe insatisfação e até mesmo certa desesperança no ar, sobretudo quando se conversa com os mais velhos, que estão para concluir o ensino médio. Exatamente a geração que está há dez anos sendo criada pelo Bolsa Família. Alguns deles, inclusive, há mais tempo, já que seus pais recebiam os outros benefícios, que deram origem ao programa. “Se eu tenho uma vida melhor do que a minha mãe? Não”, responde, com a crueza de seus 18 anos, Débora Rosa de Oliveira, de Itaoca. “Não fui para a roça com 10 anos, mas não sou boa aluna e sei que meu ensino foi fraco.” Sua expectativa, depois de terminar o ensino médio no



fim do ano e de sair do emprego de babá, é mudar para Sorocaba, onde espera conseguir trabalho. Provavelmente, não haverá um vestibular, ou emprego, que transformará sua realidade de forma contundente tão cedo.

UM PROGRAMA DE ALTO RETORNO...

O Bolsa Família é um programa impressionantemente bem estruturado. São 200 mil profissionais dos governos

federal, estaduais e municipais conectados numa rede que envolve Ministério do Desenvolvimento Social, da Educação e da Saúde, além de estados e prefeituras. Estão aptos a se tornar participantes do programa quem tem renda de até R\$ 154 mensais por integrante de famílias com filhos, e de R\$ 77, no caso de casais sem filhos. Seu recebimento está condicionado à presença na escola – de 85% das aulas, para crianças de 6 a 15 anos, e de 75%, para quem tem entre 16 e 17 anos – e ao

acompanhamento no sistema de saúde. Estima-se que ainda existam 300 mil famílias que atendam aos critérios, mas não recebem o benefício. O Bolsa Família também é um programa barato. Ele custa por volta de 0,5% do PIB, enquanto a Previdência Social, por exemplo, movimentava 6%. Com um efeito econômico muito importante: com beneficiários tão pobres, todo o dinheiro injetado ali vira consumo e não poupança. Cada R\$ 1 investido no Bolsa Família torna-se R\$ 1,78 no PIB, com numerosas externalidades positivas. Nas aposentadorias, o R\$ 1 vira R\$ 0,52. “O Programa Bolsa Família é, por larga margem, a transferência com maiores efeitos [...] na atividade econômica”, escreveram Marcelo Neri, Fábio Monteiro Vaz e Pedro Herculano de Souza, num dos capítulos de um amplo estudo do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) sobre os dez anos do programa, publicado no fim do ano passado.

O Bolsa Família também é parte do sistema do Cadastro Único, uma relação de todas as famílias de baixa renda do país, que ganham até meio salário mínimo per capita ou têm renda total de até três mínimos. São 87 milhões de cadastrados. Além do Bolsa Família, estão lá

PERFIL DE RENDA DOS BENEFICIÁRIOS

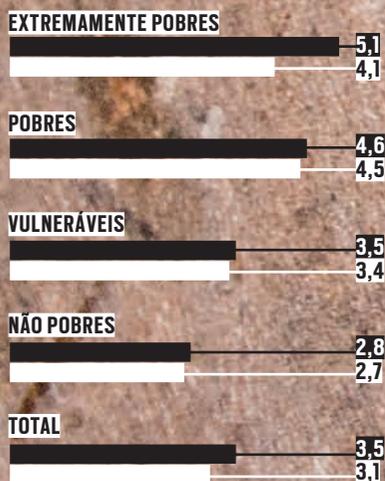


(*) por mês/per capita
Fonte: CadÚnico

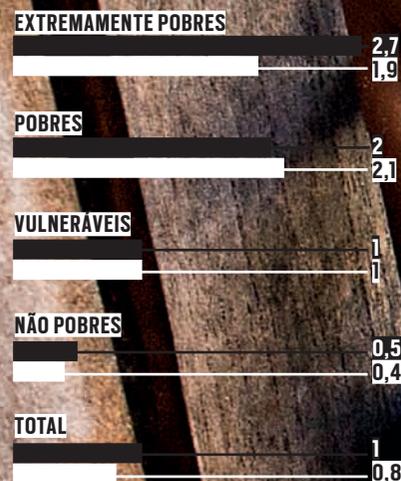
MENOS FILHOS PARA (QUASE) TODOS INDICADORES DE COMPOSIÇÃO FAMILIAR POR ESTRATOS DE RENDA

■ 2003
□ 2011

NÚMERO MÉDIO DE PESSOAS DAS FAMÍLIAS



CRIANÇAS POR FAMÍLIA

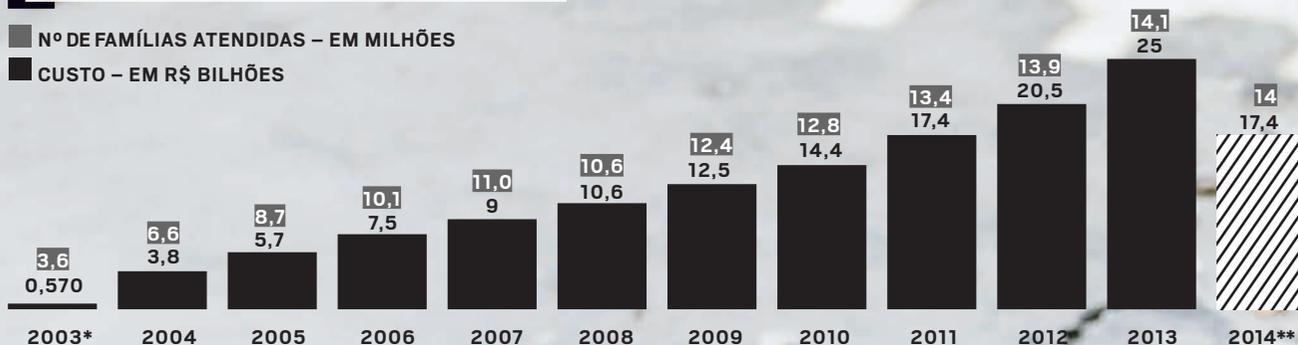


Fonte: PNAD/IBGE/IPEA

EVOLUÇÃO DO BOLSA FAMÍLIA

■ N° DE FAMÍLIAS ATENDIDAS – EM MILHÕES

■ CUSTO – EM R\$ BILHÕES



(*) A partir de outubro/2003 (**) Valor total acumulado até o mês de agosto
Fonte: MDS

A DIFERENÇA DIMINUI

O PERCURSO EDUCACIONAL E AS DIFERENÇAS DOS BENEFICIÁRIOS OU NÃO DO BF, ENTRE OS ALUNOS PARTICIPANTES DA PROVA BRASIL (2011)

	5° ANO BENEFICIÁRIO			9° ANO BENEFICIÁRIO		
	SIM	NÃO	DIFERENÇA	SIM	NÃO	DIFERENÇA
PROFICIÊNCIA*	3,29	3,92	-0,63	4,86	5,3	-0,44
REPROVAÇÃO – %	9,07	5,49	3,58	8,63	8,22	0,42
ABANDONO – %	0,32	0,27	0,06	0,49	0,53	-0,04
DISTORÇÃO ENTRE A SÉRIE E A IDADE – %	27,79	17,3	10,49	21,78	21,18	0,60
NÚMERO DE ALUNOS	941.860	1.251.333		643.703	1.274.934	

(*) Nota média entre as provas de língua portuguesa e matemática na Prova Brasil 2011, transformada numa escala de 0 a 10
Fonte: Censo Escolar (Inep) e Programa Bolsa Família (MDS)/Elaboração: IPEA

MAIS COMIDA, GANHO DE ALTURA

BENEFICIÁRIOS DO BOLSA FAMÍLIA AOS 5 ANOS DE IDADE (EM CM)

MENINOS

ALTURA IDEAL PELA OMS

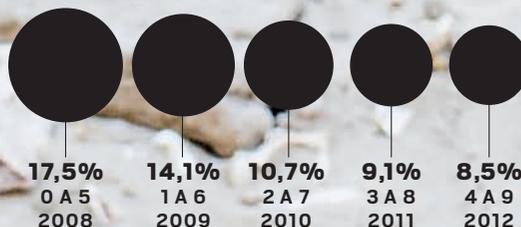


MENINAS

ALTURA IDEAL PELA OMS



O DÉFICIT DE ESTATURA CAI COM A PERMANÊNCIA DA CRIANÇA NO BOLSA FAMÍLIA, EM ANOS



Fonte: MDS

O governo quer oferecer 12 milhões de vagas no Pronatec entre 2015 e 2018. Mas, só o Bolsa Família tem 25 milhões de beneficiários de até 18 anos, sendo que 17,5 milhões são estudantes

o Programa de Fomento às Atividades Produtivas Rurais e o Pronatec (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego) Brasil sem Miséria, com prioridade aos participantes do Bolsa Família. Essas – e outras iniciativas – procuram dar saídas ao programa, que também tem em suas condicionalidades trabalhos feitos por centros de referência social. Eles tentam fortalecer vínculos familiares e sociais e aumentar o acesso à cidadania para quem vive em situação de risco.

...MAS LONGE DE CONSOLIDADO

Porém, as iniciativas de saída do Bolsa Família para os jovens não estão consolidadas. “A busca pelos cursos do Pronatec é dez vezes maior do que a oferta”, diz Jadeson Carlos da Silva, coordenador do Centro de Inclusão Digital de Humberto de Campos, que faz o acompanhamento do Pronatec na cidade. Tereza Campello, ministra do Desenvolvimento Social, reconhece que é preciso crescer. “Não dá para fazer essa roda: até a gestão Lula, o governo federal era proibido por lei de oferecer cursos técnicos”, diz ela. “Revogamos essa lei e oferecemos 1,4 milhão de vagas em 2014.” O objetivo é chegar a 12 milhões de vagas até 2018. Mas, só no Bolsa Família, são 25 milhões de jovens até 18 anos, dos quais 17,5 milhões estão na escola. “Estamos agora mapeando as demandas regionais no Brasil por tipo de mão de obra, para que existam tratoristas e soldadores habilitados, por exemplo, na época em que as grandes obras precisarem”, afirma Tereza. “Não adianta só oferecer vaga de



auxiliar administrativo e cabeleireira, porque temos de melhorar a produtividade do país como um todo.” Ela também fala dos programas de crédito ao microempreendedor e de estímulo ao pequeno produtor rural. Hoje, 30% da merenda do Bolsa Família tem de ser comprada da comunidade. “Comprar comida localmente é tudo de bom: saudável, fresco e estimula a economia”, diz Tereza. “Mas ainda tem prefeitura que compra aquele pó rosa e dá uma papa para as crianças,

em vez de arroz, feijão, fruta, suco. Temos de mudar essa realidade.”

Para a geração que, como Débora, está se formando agora, e em cidades com pouca atividade econômica, a rodoviária parece ser a única porta de saída. Adolescentes também começam a reproduzir o ciclo das mães, engravidando cedo: saem do programa como filhas e entram nele como as mães dos netos do Bolsa Família. Somada à baixa qualidade da educação, que dificulta a competição num vestibular ou a obtenção de uma vaga mais qualificada, chega-se a uma equação ainda inconclusa.

A PREOCUPAÇÃO EVOLUIU

“**Q**uando o Bolsa Família e os programas que o antecederam foram lançados, as preocupações eram com educação e saúde”, diz Ana Fonseca, do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas da Unicamp, por e-mail. “Na América Latina, vivemos um momento especial com ações, políticas e programas destinados à superação da pobreza, como o Plano Brasil sem Miséria. Já não se trata de transferências monetárias exclusivamente, mas das transferências combinadas com inclusão produtiva e acesso a serviços.”

É uma mudança gradual. Um dos capítulos do estudo do Ipea mostra que as crianças do Bolsa Família têm desempenho pior do que as outras: no 5º ano, elas repetem mais, têm mais dificuldades em conseguir notas boas, abandonam mais a escola e são mais velhas do que deveriam. Como vêm de comunidades muito pobres, contam com menos recursos e têm pais menos educados a incentivá-las nos estudos. Porém, quanto mais tempo ficam na escola, menor a diferença entre



UMA COMUNIDADE QUE ENCOLHE O filho mais

velho de Iolanda Pereira Rosa Lima, de 41 anos, Tiago, saiu do Cangume, comunidade quilombola de Itaoca, no Vale do Ribeira, para trabalhar na fábrica da Sadia, em Tatuí (SP). No fim do ano, Pedro (foto), de 17, se forma no ensino médio e será sua vez de partir. “Os meninos todos pensam em sair”, diz Iolanda. “Preocupa, né? A gente fica com o coração apertadinho.” Para Pedro e muitos outros jovens da comunidade, o êxodo é inevitável, apesar do medo da cidade grande. “Não tem trabalho aqui”, diz ele. Antes do Bolsa Família, Iolanda diz que os vizinhos se ajudavam na hora do aperto. “Fome, a gente não passava. Ficávamos uns 15 dias sem comer arroz, mas havia sempre o feijão e a banha de porco e as frutas do mato”, conta. Era a roça, porém, para onde as crianças iam, ainda na primeira infância.



MAIS FÁCIL, MAS NEM TANTO “Se eu tenho uma vida melhor do que a minha mãe? Não”, responde, definitiva, Débora Rosa de Oliveira (*no centro*), de 18 anos, moradora do bairro de Rio Claro, em Itaoca. Ela diz não ter ido para a roça ainda criança, mas sabe que terá dificuldade para entrar numa faculdade ou encontrar um emprego mais qualificado. Sua expectativa, depois de terminar o ensino médio, no fim do ano, é que uma prima arrume uma vaga

num supermercado em Sorocaba. Suas irmãs acreditam numa vida melhor. Gabriele, de 13 anos (*à dir.*), é boa aluna e quer ser psicóloga. Caroline, de 12, não tem a menor ideia do que fará. “A Débora tinha 5 anos quando a gente começou a receber a ajuda”, diz a mãe, Osmarina de Oliveira, de 38, que tem mais dois filhos e recebe quase R\$ 200 de benefício. “A gente usa o dinheiro para comprar comida e roupa para as crianças.”



NO NATAL É QUE É BOM Marisa Pereira Gonçalves, de 49 anos, gosta quando chega o Natal. É quando ônibus chegam lotados ao Cangume, trazendo os filhos que foram trabalhar em outras cidades. E também os netos. Leonardo, de 17 anos, é um dos últimos dos dez filhos de Marisa que ficaram no lugar. Agora, por pouco tempo. “Quero ir embora, arrumar serviço, entrar numa faculdade, mandar dinheiro para a mãe”, diz ele, que termina os estudos no fim do ano. Sua irmã Suzana, de 15 anos, pensa diferente. “Aqui é tranquilo”, diz. “Vou ficar aqui, casar e ter uns dois filhos.” Iolanda, Suzana, suas vizinhas e muitos de seus filhos vão votar “na candidata do Lula. Antes dele entrar não tinha essas coisas, que resolveram muito para a gente”, afirma Iolanda. “Se tirar eles [o partido do Lula], piora mais.”

elas: no 9º ano, a desvantagem entre os dois grupos é muito pequena, sendo que os beneficiários do programa reverterem sua posição em relação à evasão escolar.

“A participação no programa pode contribuir para a diminuição dessa diferença de desempenho entre alunos”, escreve Joana Silva, economista sênior do Banco Mundial e coautora da pesquisa, por e-mail. “[Ele] tem uma associação positiva com a manutenção do aluno beneficiário na escola, ajusta sua trajetória escolar, aproximando seu desempenho do resto do país e, em algumas condições, ultrapassando-o, e contribui para diminuir a desigualdade educacional.” Em avaliações sobre o programa citadas por ela, a probabilidade de uma jovem de 15 anos frequentar a escola aumenta em 21%, na comparação com outras em mesmas condições e sem o programa.

Resolvido o problema da presença da criança na escola, emerge o da qualidade do ensino. Para Priscilla Tavares, professora da Escola de Economia da FGV-SP, o que é possível fazer hoje é incluir as crianças. “Ao colocar na escola e atuar sobre sua saúde, a intenção é quebrar o ciclo de pobreza”, diz ela. “Mas é muito cedo para dizer se a criança beneficiária terá um emprego melhor.” Isso porque, mesmo com os esforços de inclusão, o Brasil vai mal em termos de educação, com as notas do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) estagnadas ou caindo. “A questão da qualidade da educação é urgente, mas ela existe independentemente do Bolsa Família”, diz. “É melhor a criança frequentar essa escola do que não frequentar escola nenhuma.”

Lucy Mary Barros Fonseca, secretária de assistência social de Humberto

de Campos, diz que vê pouco interesse dos alunos pelo aprendizado: a escola é encarada apenas como “fonte de receita” e os beneficiários se mostram desestimulados. “Há uma ociosidade grande e falta a família na escola”, diz. Para ela, uma alternativa seria atrelar o recebimento do Bolsa Família à melhoria das notas. Para Priscilla Tavares, da FGV, seria inútil. “Há professores que não dão faltas porque não querem alunos perdendo o Bolsa Família, e o mesmo aconteceria com as notas”, diz



Mais de 20% das casas dos beneficiários no Norte e no Nordeste são feitas de taipa, madeira e palha. No Brasil, o percentual é de 15,4%

ela. “Além disso, colocar essa responsabilidade sobre a criança pode ser uma tragédia.” Joana Silva, do Banco Mundial, lembra que o Renda Melhor Jovem, do Rio de Janeiro, dá um prêmio adicional, associado ao bom desempenho.

“SE EU PENSO EM SAIR? TODOS OS DIAS”

A lém da urgência na melhora da educação, o avanço na atividade econômica dos municípios vai além do escopo do Bolsa Família, é claro. “A geração de oportunidades [de emprego e renda] torna necessária a complementação do programa com outras iniciativas para o desenvolvimento local”, escreve Joana Silva. Ao que Larissa Cristina da Penha Brito, uma jovem falante de 19 anos de idade, que se formará no fim do ano no ensino médio, responde com a prática: “Se eu penso em sair de Humberto de Campos? Absolutamente todos os dias”, diz. Apesar de a cidade ser linda, no caminho dos Lençóis Maranhenses e com o maior Bumba Meu Boi do estado (são 12 pessoas embaixo do bicho), não há atividade turística estruturada. Os poucos empregos são os da prefeitura e do pequeno comércio local. “A maioria dos meus amigos sai mesmo”, diz Larissa. “Quem fica acaba ou tendo uma gravidez precoce ou ficando por aí, meio à toa.” Sua irmã Ana Carolina está saindo do cartão do Bolsa Família da mãe, Claudiana Pereira da Penha. Como a mãe, Ana Carolina ficou grávida aos 17 anos e ganhará seu próprio cartão do Bolsa Família.

Com 26 mil habitantes no município, o índice de beneficiados é de 110,2%

O IRMÃOZINHO SEMPRE NO COLO Quando não está na escola, José Otávio, de 10 anos, ajuda a mãe a cuidar do irmãozinho Jeremias, de quase 2 anos. No dia da foto, pegava cajus no pé e dava para o menino. As outras duas irmãs, Maria Alexandra, de 6 anos, e Alecsandra, de 3, manejavam a varinha de pegar o fruto com agilidade. "Ele me ajuda muito", diz Maria dos Remédios Rodrigues Santos, de 28 anos, que, além dos quatro filhos, carrega o quinto na barriga, encomendado de maneira inesperada. "Quero laqueadura agora", diz ela, que ficou com vergonha de, aos 17 anos, ainda estar no 6º ano e abandonou os estudos. O Bolsa Família diminuiu de maneira consistente, em sua primeira geração, essa distorção idade-série, sobretudo de quem chega ao 9º ano.



O tamanho das famílias tem diminuído entre os beneficiários do programa. O número de filhos dos extremamente pobres foi de 2,7, em 2003, para 1,9 filho por família, em 2011

do total de famílias pobres, segundo o Ministério do Desenvolvimento Social (os 10% a mais ocorrem porque o Bolsa Família estende a rede de proteção para abarcar a volatilidade da renda dos pobres e sua precária inserção no mercado de trabalho, causada, sobretudo, pela baixa qualificação). Pelas ruas da cidade, vê-se a presença de outros programas de transferência de renda. As placas estão no sindicato dos pescadores ou na secretaria de assistência social, que oferece informações, por exemplo, sobre a tarifa social de energia elétrica ou o telefone popular. O que não se vê são empreendedores. Os moradores dizem que é difícil encontrar encanadores, pedreiros e pintores. Sobre a qualificação para atividades do século 21, como programadores e designers, profissões que podem ser exercidas mesmo em cidades distantes, esbarra-se na qualidade da educação. “O ensino é fraco desde a educação básica e o pessoal tem dificuldade mesmo em acompanhar”, diz Jadeson Silva, do Pronatec.

A 3,2 mil quilômetros de distância, Itaoca tem 3 mil habitantes e é igualmente bonita. Rodeado de montanhas e na região do Petar, o Parque Estadual do Alto Ribeira, tem cavernas que poderiam ser exploradas, mas a atividade turística também é praticamente inexistente. Lá, o número de benefícios vem caindo porque os jovens encontram alternativas de trabalho em municípios bem próximos, que também os obrigam ao êxodo. A cerca de dez quilômetros do centro da cidade, a comunidade quilombola de Cangume diminui ano após ano. “Aqui não tem ganho”, resume William

Ramos Pereira, de 17 anos, um dos muitos que têm planos de deixar o lugar assim que se formar no ensino médio, no fim do ano. “Os meninos todos pensam em sair”, diz Iolanda Pereira Rosa Lima, de 41 anos. Seu filho mais velho mora em Tatuí, onde trabalha na fábrica da Sadia. Pedro, o do meio, espera seguir o mesmo caminho nos próximos meses. “Preocupa, né? A gente fica com o coração apertadinho.”

Os rapazes não escondem o medo da cidade grande e de sua violência, de não conseguir pagar o aluguel e de ficar

longe dos seus. “No Natal é que é bom: vêm ônibus lotados com os filhos da gente”, diz Marisa Pereira Gonçalves. De seus dez filhos, apenas dois estão por perto e só Suzana, de 15, quer continuar no povoado. “Aqui é tranquilo”, diz ela. “Vou ficar, casar e ter uns dois filhos.” Para Ricardo Coimbra, economista pela Universidade Federal do Ceará, esse êxodo é complexo. “Esse jovem tem na comunidade apoio e não é sem sofrimento e dúvida que a escolha necessária de sair é feita”, diz.

OS VOTOS DO BOLSA FAMÍLIA

Do ponto de vista político, o jovem formando do Bolsa Família também reflete o benefício que recebeu. Se antes o programa impactava diretamente na escolha do candidato à presidência, nas últimas eleições esse peso vem perdendo força. “Discutimos política o tempo todo, na escola, na rua, em casa”, diz Larissa, que mora no centro de Humberto de Campos, numa casa arrumada e mais bem estruturada. “Vou votar na Marina porque gosto muito das propostas dela, principalmente as de educação. A Dilma vai ter de se virar nos 30!” Sua mãe rebate: “Vocês só vão votar nela porque o Eduardo Campos morreu. Vou é votar na Dilma”. Em lugares mais distantes, a discussão inexistente. “A gente tem de votar na candidata do Lula, né? Antes dele entrar não tinha essas coisas, que resolveram muito para a gente”, afirma Iolanda, do Cangume. “Se tirar eles [o partido do Lula], piora mais.” Mas o discurso fica ainda mais impressionante quando se vai mais longe, como no Peraiá. “Aqui, a gente não tem TV e não viu nada da política”, diz Sildilene. “Se alguém não me der os números [dos candidatos], vou anular.” **EN**

